

Jornal da

PERIFERIA

ANO I / nº 1

Novembro de 1979

Cr\$ 5,00



ASSASSINO TEM QUE SER PUNIDO

(Pág. 7)

Prefeito foge do pau

REGIÃO DE PARELHEIROS ESTÁ NA LUTA



Leia na pág. 5

ESTÃO QUERENDO ESVAZIAR A LUTA DOS FAVELADOS

*Mas dia 28 a Prefeitura vai receber
o troco: eles vão fazer uma grande
concentração de protesto no
Ibirapuera*

(Pág. 3)

Internacional vai em frente na marra

Pág. 8

No. P. Amazonas o sufoco é grande

- Nós, do Jardim Parque Amazonas, estamos com problemas muito graves. De três meses para cá, as pessoas do bairro foram assaltadas já quatro vezes. Também uma moradora, que votava do trabalho, desceu do ônibus e foi segurada pelos malandros que judiaram muito dela, até ela morrer. Isso é uma injustiça, e aqui na área de Parelheiros queremos justiça. Nós do Parque Amazonas praticamente estamos sem nenhuma segurança, e queremos socorro para nós.

Nossos terrenos não são regulamentados pela Prefeitura, o nosso lotea-

dor não quer regularizar, mesmo depois de ter assinado um acordo com a gente. O doutor Marco Aurélio nos autorizou a colocar o pagamento das prestações no Fórum, e com isso o loteador Nilo Araujo pôs advogado. O que esses homens loteadores querem fazer com as pessoas humanas que têm seu direito? Por que nós procuramos acordo com eles e eles não querem concordar? Nós já estamos perdendo a paciência porque já fazem sete anos que vivemos no escuro, sem luz e sem ruas, sem água encanada. Nossos filhos estão crescendo que nem índios, e não queremos mais esta situação.

João Rodrigues de Souza - do Parque Amazonas.



Na sede, ampliando o debate

MORADORES AJUDAM A FAZER O JP

Na primeira reunião do Conselho de Moradores do JORNAL DA PERIFERIA, os mais graves problemas da região foram levantados: terreno, água, favela, transporte, asfalto, lixo. Como são muitos os problemas, o primeiro número do JP falará sobre os movimentos que estão atualmente organizados na luta pela solução do Loteamento Clandestino, Água e Favelas.

No dia da nossa reunião — 21 de outubro — a greve dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos ainda não havia se iniciado. Mas a morte do operário Santo Dias da Silva, assassinado

brutalmente pela Polícia Militar, na porta da fábrica Sylvania, indignou todo o País e particularmente a nossa região, onde Santo morava, trabalhava e lutava em defesa dos direitos dos trabalhadores. Diante desse fato, o JP dedica seu primeiro número a ele e a todos os operários que morreram vítimas da repressão. A violência policial e a greve dos metalúrgicos está na página 7. A luta dos Terrenos está na página 5 e a Água na página 4. O movimento de Favelas está na página 3. E começamos a discutir o fim dos atuais Partidos, na página 6. O time Internacional do Icarai está na página 8.

Vamos dizer o que os jornalões não dizem

O "JORNAL DA PERIFERIA" ouviu moradores, que estão se reunindo em São Rafael para encaminhar o Movimento do Loteamento Clandestino. Alguns representantes disseram o que esperam que o JP seja para a região. Aqui estão alguns depoimentos:

- Quero ver um jornal diferente desses que nós conhecemos, um jornal que não informe só as notícias sobre as coisas erradas mas fale o porquê desses fatos. O JP deve denunciar coisas injustas que existem na periferia, mas deve também ajudar o povo a compreender a causa dessas injustiças, mostrar por que estas coisas acontecem aqui nas nossas vilas. O jornal deve também incentivar os mo-

radores a participarem da vida comunitária e da vida política do nosso País. (José Andrade, do Jardim Edwiges).

- Gostaria de ver nesse jornal uma coisa que não encontramos nos outros jornais, que é falar sobre os problemas do povo, defender o povo, mostrar o que o povo está sentindo. O JP tem de falar de coisas que os moradores da periferia entendem, mostrar todo o conjunto de exploração que sofremos nos locais de moradia e de trabalho. Mas também deve falar das coisas boas e alegres, que a vida não é só problemas, tem o lazer, que é uma coisa que quase não existe na periferia. (Maria do Socorro Pinho, do Parque Amazonas).

- Mais importante no JP deve ser divulgar os problemas da periferia, o que os moradores enfrentam, como falta de coleta de lixo e loteamentos clandestinos. O jornal também é importante para animar os

outros moradores a participarem dos nossos movimentos de melhoramento nos bairros. (José Leite Basílio, do Balneário São José).

- O jornal deve contar sobre a nossa luta pela regularização das nossas escrituras. Esta luta já vai completar três anos e sempre fomos enganados, mas sempre continuamos lutando para conseguir o que queremos. O jornal também deve falar sobre outros problemas, como lixo, água e asfalto. (José Machado, do Jardim São Rafael).

- Quero que o jornal fale sobre nossos bairros mostrando todos os problemas e explicando suas razões. É preciso que a gente entenda a raiz do problema. O JP deve também tratar de política, comemorações e promoções. Acho bom aparecer um jornal que fale das coisas que nos interessam. As pessoas que estão ligadas a algum movimento vão se sentir mais

fórtes com um jornal para apoiar essas lutas nas vilas da periferia. (Joana Mauricio da Silva, Icarai).

- Quero ver no JORNAL DA PERIFERIA notícias dos bairros e das injustiças que a gente sofre como o problema dos loteamentos clandestinos. É importante também que trate de política e da situação dos trabalhadores nas fábricas. (João Machado - Jardim São Rafael).



Jornal da PERIFERIA

EXPEDIENTE

Editor Responsável: Elizabeth de Souza Lorenzetti (reg. MT 10716 — mat. sind. 4183)
Redação: Rua Um, nº 2 — São José — SEDE-PROVISÓRIA
Composto na Editora Jornalística AFA Ltda — Av. Liberdade, 704 — São Paulo.
Impresso nas oficinas do Jornal Paulista Ltda — Rua Oscar Cintra Gordinho, 46 — São Paulo

NOSSO PLANTÃO
SABADO DE 14:00 — 19:00h.
DOMINGO DE 09:00 — 12:00h

JORNAL DA PERIFERIA

Quem mora em favela sabe o que quer

Moradores das favelas de São Paulo vão se concentrar diante da Prefeitura, no dia 28, em protesto contra mais um Programa Pró-Favelado imposto pelo prefeito

Enquanto o ex-prefeito, banqueiro Olavo Setubal, pensava que iria acabar com as favelas com a simples publicação de um Decreto, o atual prefeito, fazendeiro Reynaldo de Barros, resolveu adotar outra tática. Isto é, a tática do "vamos tapar o sol com a peneira". Ou seja: diante da organização e mobilização cada vez maior dos favelados de São Paulo, ele imaginou um "Programa Pró-Favelado". A porta-voz do prefeito, senhora Maria do Carmo Brant, responsável pela Supervisão de Atendimento da População Moradora de Habitação Subnormal, está muito otimista com o programa e tem certeza, segundo declarou, que o principal problema será resolvido com este milagroso plano. E qual é o principal problema, para a Prefeitura? É o crescimento, há um ano, do movimento organizado dos favelados. Então, raciocinaram os técnicos da prefeitura, "é preciso um pouco de mel na boca desse pessoal". E puseram mãos à obra.

Objetivo maior é a desmobilização

O tal Programa é dividido em sub-programas, e o mais destacado deles é o de Urbanização Mínima. Significa que entre as 900 favelas existentes atualmente em São Paulo, foram "escolhidas" 36, que vão receber água, esgoto, luz, equipamento comunitário, limpeza de córregos, etc. E aqui é muito interessante notar qual é o principal objetivo desses sub-programas: por feliz coincidência, as 36 favelas escolhidas, contam com um grau de organização e mobilização muito grande. Portanto, o objetivo é criar a desunião entre todos os favelados da cidade, porque uns receberão coisas que outros não receberão agora. E ainda mais: seguindo a tática de "tapar o sol com a peneira", os técnicos de gabinete dizem que os favelados poderão dar suas idéias e sugerir medidas. Porém, todos sabem, os planos já estão todos prontos, equipes da prefeitura já estão destacadas para implantar o projeto, e as alterações que os favelados poderão fazer serão sómen-

JORNAL DA PERIFERIA



A própria Prefeitura admite: 880 mil paulistanos vivem em favelas. É a população cada vez mais pobre

te as que não signifiquem gastos extras.

Prefeito tenta dividir a miséria

Ora, como não gastar mais, se as necessidades de cada núcleo de favela são completamente diferentes? Além disso, há outros detalhes. O sub-programa prevê a instalação de um bico de luz para cada grupo de 10 famílias; banheiros também serão coletivos. Diante disso, mesmo as favelas "beneficiadas", como a do Jardim Iporanga, desconfiam do plano e consideram que isso não vai resolver seus problemas.

Mas a coisa não pára aí. Para tentar calar os descontentes, que são cada vez mais numerosos, existe outro sub-programa, o das "melhorias esparsas". Ou seja: além das 36 favelas, outras 250 vão "receber" melhoramentos, mas divididos: uma recebe luz, outra água, outra esgoto, e assim por diante. Isto, é claro, também está sendo recusado pelos favelados reunidos em seu movimento. Porém, outra demagogia está também sendo estudada pelos técnicos do prefeito. Começaram a fazer um levantamento das áreas condominiais do município de São Paulo, e estão vasculhando tudo, à

procura de uma dessas áreas que possa ser dividida em lotes miseráveis, com menos de 68 metros quadrados, que depois seriam vendidos aos favelados. E que áreas e lotes seriam estes? Naturalmente estarão localizados "lá onde Judas perdeu as botas" - como diz o povo. Porque não existem grandes terrenos municipais nas cercanias dos principais núcleos de trabalho, onde atualmente se concentram a maioria das nossas favelas.

O projeto ideal é o dos moradores

Os moradores das favelas entretanto, não concordam com nada desses planos mirabolantes. E para protestar contra o Programa Pró-Favelado, demonstrando publicamente seu profundo descontentamento, milhares de favelados vão realizar uma grande concentração no dia 28 de novembro, às 9 horas da manhã, na frente do gabinete do prefeito, no Parque Ibirapuera. Nesse dia, não estarão apenas protestando: vão entregar ao prefeito o Projeto de Melhoramento Ideal - um documento elaborado ao longo desses últimos meses, durante as várias reuniões que estão sendo feitas em quase todas as favelas. Na região

de INTERLAGOS, estas reuniões para discussão dos problemas e formas de solução para eles, se realizam na igreja da CIDADE DUTRA, com a presença de representantes dos vários núcleos de favelados da região. As reuniões feitas nas próprias favelas também têm dado ótimos resultados, como é o caso do Jardim São Vicente, onde já surgiu uma Associação dos moradores.

E como conseguiram isso? O presidente eleito da Associação Beneficente do Jardim São Vicente, José Evaristo, conta a experiência:

- Nós fizemos uma pesquisa, para saber quem era o favelado. Aí foi juntando a turma e nós começamos a trabalhar para melhorar a favela, porque não dá pra ficar esperando a prefeitura. Aterrmos alguns trechos, recolhemos lixo, com nosso próprio dinheiro abrimos uma creche, cada um paga um pouquinho para deixar as crianças, tudo nós conseguimos por causa da nossa união.

Mutirão; favelado está unido

Assim como no J. São Vicente, grupos começaram a se organizar, e hoje

estão reivindicando, além de água e luz, o seu direito de moradia no local onde levantaram suas casas.

Muitas favelas formaram grupos de mutirão para melhorar o ambiente, removendo lixo, fazendo canaletas, e isso melhorou um pouco as condições de vida na favela, embora estes serviços devam ser, por obrigação, realizados pela prefeitura. Mas quando mais se reuniam para discutir os planos armados pelo prefeito, e quanto mais realizavam estes trabalhos em conjunto, os moradores foram se organizando e agora, com mais gente integrada ao Movimento, eles já têm forças para pressionar e exigir seus direitos. Esta movimentação conjunta de favelados, praticamente se deu quando foram formados grupos para discutir e resistir ao Decreto Municipal 15.086, de junho de 78, quando o banqueiro Setubal passou para as Administrações Regionais a guarda e fiscalização dos bens de uso comum dos municípios. As ARs teriam de urbanizar os espaços livres. Se estivessem ocupados com favelas, deveriam promover sua remoção até mesmo com a ajuda da polícia, como ocorreu em vários casos. Há menos de 8 anos atrás, os favelados constituíam menos de 1% da população. Hoje são 10%. Até quando existirão favelas?

PÁGINA 3

Foi muita luta. A Sabesp trouxe os canos. Agora, falta a água

Uma população que não recebe o mais básico dos serviços públicos, a águas, realiza sua terceira assembleia para cobrar as promessas da Sabesp

Em um ano, esta é a terceira assembleia que o Movimento da Água realiza para cobrar as promessas da Sabesp e fiscalizar o andamento das obras de emergência na região do Bororé. Com sua luta, o povo conseguiu a instalação de tanques e canos, mas a água que é bom ainda não chegou.

Água sempre foi um problema sério na periferia, e cada vez piora mais. Hoje, dez por cento da população da Grande São Paulo não tem água encanada em suas casas. Esse número pode parecer pequeno, mas representa mais de um milhão de pessoas. Aqui na região, como em toda a periferia, o povo tem que abrir poços, comprar água de caminhão e se servir de minas contaminadas.

O poço só dá na pedra, e quem pode pagar, 10 mil cruzeiros?

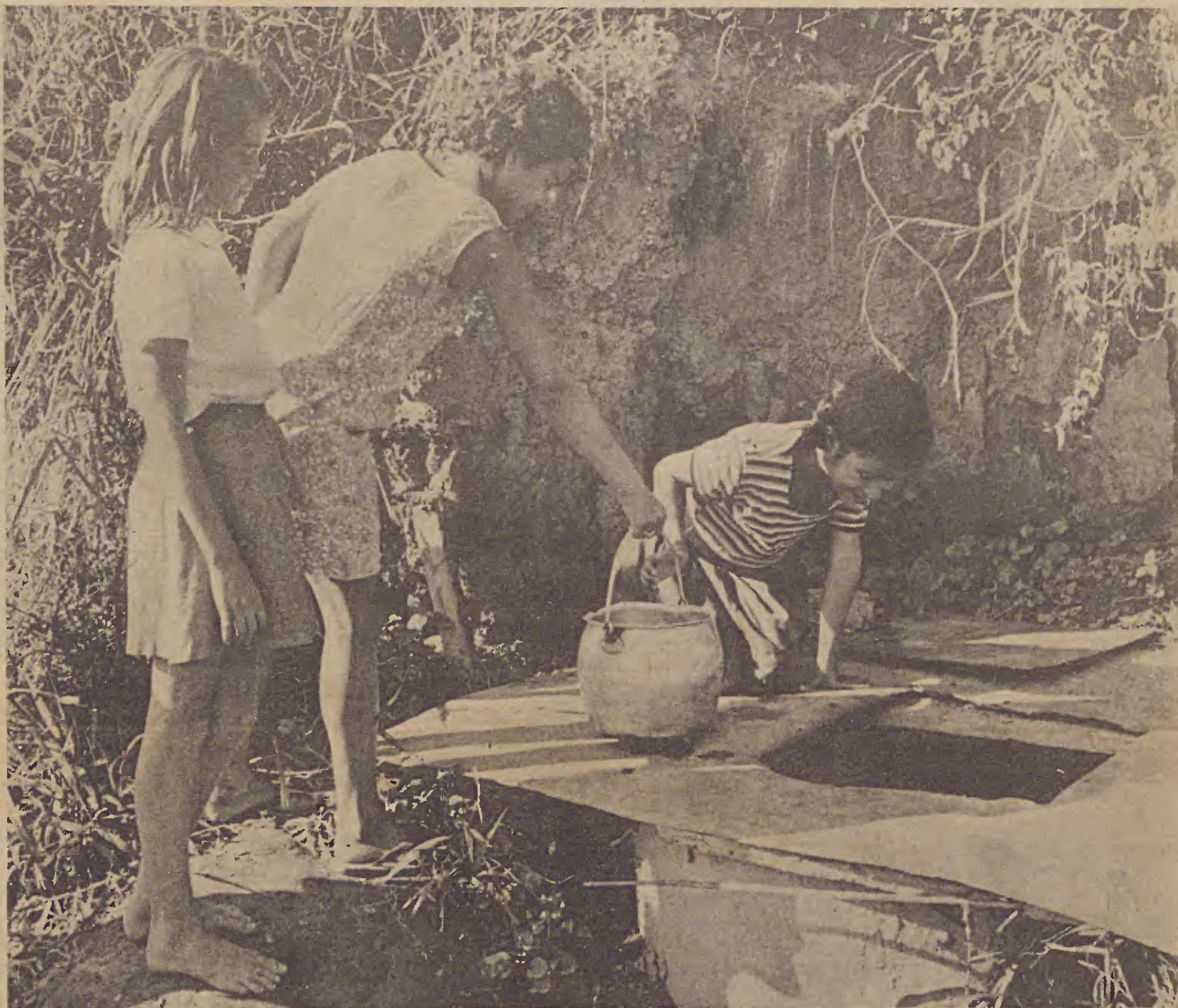
Nessa região furar poço é um problema, porque o solo é pedregoso. João Soares da Silva, o "seu João" do Cocaia, conta como é a coisa:

— No Parque Planalto, por exemplo, os vizinhos se dividem para comprar um caminhão de água, que não fica por menos de Cr\$ 500,00 e dura só 15 dias. Perfurar um poço custa de 10 a 12 mil cruzeiros, e quem pode pagar?

Também não se pode confiar na água dos caminhões. É um negócio que se torna cada vez mais rendoso para os donos das empresas, que preferem tirar água de seus poços, ou de particulares, do que pagar altos preços cobrados pela Sabesp para encher um caminhão.

Nenhum órgão da prefeitura sabe dizer quantas dessas empresas particulares que exploram a venda da água existem em São Paulo, e muito menos assume a responsabilidade da fiscalização. Ainda este ano, um jornal mandou fazer uma pesquisa para analisar a água de poços usados por essas empresas, e o laboratório do

PÁGINA 4



Uma cena diária, na vida da periferia: coleta de água contaminada. E a Sabesp só vem com promessas

Controle de Alimentos da própria Prefeitura verificou contaminação por bactérias.

É fácil concluir que essas empresas não teriam um campo tão lucrativo se a periferia fosse servida por redes de água.

Nos terrenos, o perigo da água contaminada

O povo fica, então, entre a cruz e a caldeirinha. Se não tem dinheiro para furar poço ou comprar água de caminhão, tem que recorrer às minas, em terrenos que geralmente são usados como depósitos de lixo, com água contamina-

da. Precisam, além de tudo abrir picadas, enfrentar arames farpados e bichos para encher os latões. Pior é quando o dono do terreno implica e proíbe o pessoal de entrar.

Diante dessa situação, a Sabesp só começou a se mexer quando o povo se organizou para pressionar. Foram muitas idas até a Sabesp. Até agora, apesar da luta e do ânimo dos moradores, o movimento só recebe promessas.

Seu João de Cocaia e seu José Domiro da Silva, Zé da Água, que estão no Movimento desde o começo, contam que a Sabesp dividiu a região em três partes, dentro do Projeto Shangrilá:

— O Parque Planalto, que atinge Parque Brasil, Parque América, Parque São Paulo, São José e Par-

que Planalto). Cocaia, (que atinge Grajaú e Cocaia), e por fim o Jardim Eliana. A Sabesp prometeu realizar uma obra de emergência na região até o final de agosto, numa distância de 19 quilômetros, sendo 250 metros de cada lado da estrada do Bororé.

Acontece que, na maioria das ruas, a tubulação não atingiu 250 metros, e a desculpa é de que as ruas em active não permitem o trabalho.

O povo sabe com quem lida, e vai continuar cobrando

Em maio deste ano, a Sabesp divulgou pelos jornais que ia tirar derivações da adutora para a região.

Quando o pessoal do Movimento foi lá, o então presidente da Sabesp, Reinaldo de Barros, (hoje, Prefeito) disse que não se tiraram derivações. E prometeu que colocaria uma sub-adutora, paralela à existente, de emergência, para julho. Já fazem 150 dias e nada de água.

Em setembro o pessoal foi informado pela Sabesp que a abertura do tronco da estrada do Bororé depende da Prefeitura. Assim, um fica jogando a batata quente para o outro.

Mas o povo sabe que só com a sua organização foi possível conseguir a instalação dos tanques e canos, porque se ninguém se mexesse, a Sabesp e a Prefeitura nem iriam se lembrar dessa região. Como diz seu João, "o povo sabe com quem está tratando, e vai continuar cobrando".

JORNAL DA PERIFERIA



Com dezenas de faixas carregadas por milhares de mãos, os moradores de loteamentos clandestinos exigiram do prefeito o respeito a uma reivindicação fundamental: o direito de ser dono de sua própria casa e ter nessa casa as condições básicas para a existência

O povo tem direito, seu prefeito!

Em frente ao gabinete do Prefeito 5 mil pessoas protestam.

Moradores dos loteamentos clandestinos aumentam a pressão para a regularização de seus terrenos

Cansados de esperar uma solução da Prefeitura para o grave problema dos loteamentos clandestinos, em toda a periferia de São Paulo, os moradores desses terrenos decidiram, unidos, ir ao Ibirapuera exigir providências do Prefeito Reinaldo de Barros. Apesar de ser um dia de semana, mais de 5 mil moradores de 140 loteamentos clandestinos preferiram perder o dia de trabalho e seguiram para o Ibirapuera dia 24 de outubro, de manhã, em ônibus alugados por suas próprias vilas para a concentração em frente ao gabinete do Prefeito.

Mas teve que receber o documento

Pouco antes das 10 horas já estavam no Ibirapuera os 60 ônibus, e em ordem os moradores foram se concentrando em frente ao gabinete de Reinaldo de Barros com faixas e cartazes para exigir que a Prefeitura resolvesse imediatamente o problema dos loteamentos clandestinos.

Com faixas: "A Prefeitura e os loteadores são os únicos culpados", "Punição aos loteadores trapaceiros da lei", o povo exigia que o Prefeito descesse para receber um documento

cumento com 25 mil assinaturas, defendendo a regularização de seus terrenos, exatamente como são hoje.

O Prefeito, claro, não apareceu, mas uma Comissão de 15 pessoas conseguiu ser recebida pelo secretário das Administrações Regionais, Francisco Nieto Martin.

A Comissão subiu acompanhada dos advogados, mas os manifestantes continuavam exigindo a presença do Prefeito aos gritos: "O povo vai subir se o Prefeito não descer", "Queremos solução", "Vem cá Prefeito, atende o povo direito" e "Esta multidão merece atenção".

Enquanto isso, lá dentro, Nieto Martin explicava à Comissão que o Prefeito não costuma receber ninguém sem hora marcada, e muito nervoso repetia que não era "office-boy" para levar convites a Reinaldo de Barros.

Lei pune a vítima e perdoa o réu. como sempre

Mas a coisa não ficou nisso, o secretário chegou mesmo a insultar a Comissão e seus advogados, dizendo que eles queriam tumultuar e estavam usando

do o povo. Uma mulher da Comissão deu a resposta à altura, dizendo que o povo sabia muito bem o que queria porque além de trabalhar o dia inteiro ainda tinha que enfrentar o problema do loteamento clandestino que a Prefeitura não resolve.

Depois de quase uma hora de discussão, o secretário das Administrações Regionais foi forçado a descer e, finalmente, recebeu o documento com as reivindicações.

Melhorias dependem da escritura

Em meio às vaias pela ausência de Reinaldo de Barros, o secretário, para variar, prometeu que no dia 5 de novembro o prefeito receberia todos os moradores de loteamentos clandestinos.

Ademar Peixoto, que estava entre as 60 pessoas do Parque América na manifestação, explicou que os moradores dos terrenos clandestinos não aceitam a lei do ex-Prefeito Olavo Setubal.

— Esta lei só beneficia o loteador, porque ele deixa de ser obrigado a pagar as benfeitorias necessárias: água, luz, esgoto, guias, sarjetas e área ver-

de que ficam por conta do morador.

Para Ademir Peixoto é um direito do povo querer a regularização do seu loteamento como está e não do jeito que a Prefeitura pretende.

— Esta lei pune quem é vítima (o morador) e ajuda quem deveria fazer as benfeitorias (o loteador). Assim, a Prefeitura pretende tirar de quem não tem dinheiro para ajudar quem tem muito.

Outros moradores do Parque América lembram que só depois da criação do movimento dos terrenos na zona sul, em 1975, com as reuniões na Capela do Socorro, é que começou a aparecer gente da Prefeitura.

— A questão do loteamento era uma doença, sem cura, como o câncer. Quando o povo se uniu para solucionar esse problema, apareceu o pessoal do governo falando em "ajudar". A gente sabe muito bem que o governo não faz mais do que a obrigação, mas mesmo assim só está começando a atender depois da pressão dos moradores.

Onésimo Dias Gomes diz que o processo de seu loteamento, Jardim Álamus, é um dos maiores sobre terrenos clandestinos e está agora na Administração Regional de Santo Amaro.

— Estamos exigindo o que temos direito, mas enfrentamos a indiferença do loteador e da Prefeitura. A Prefeitura não força o loteador a fazer as benfeitorias.

Secretário: insulta a comissão

João Bispo, do Recanto Ana Maria, diz que o movimento dos terrenos vai continuar para que todos os moradores recebam suas escrituras.

— Até agora o Recanto Ana Maria, como os outros loteamentos, não tem água, luz, esgoto, cascalho e coleta de lixo, porque para receber essas melhorias nós dependemos da escritura.

Para João Bispo a pressão dos moradores do Jardim Ana Maria já ajudou muito.

— Nosso processo saiu da Regional e já está no Patrimônio da Prefeitura, e falta apenas o parecer do INCRA para recebermos a escritura.

Outros moradores de loteamentos clandestinos da zona sul ouviram a promessa do secretário das Administrações Regionais e garantiram que não deixarão de cobrá-la.

Esse tiro pode sair pela culatra

O governo montou um plano «perfeito» para criar novos Partidos. Só que esqueceu da mobilização dos trabalhadores que acabou atrapalhando todo o plano

Depois de treze anos em que tivemos apenas dois Partidos políticos — *Arena* e o *MDB* — o governo decidiu impor uma “reformulação partidária”, para que outras tendências, não representadas nesses Partidos, tivessem sua representação política, segundo justificam muitos políticos e gente do governo.

No entanto, atrás dessa “boa intenção” do governo, existe um plano para dividir a Oposição brasileira.

Ao mesmo tempo, o governo também tenta acalmar os que o apóiam pois, apesar de estarem todos no mesmo barco, as velhas raposas da *Arena* têm divergências e estão sempre criando brigas internas.

Mas, para entender tudo isso, é preciso analisar alguns pontos:

- 1 - Como surgiu, para o governo, a necessidade da reformulação partidária.
- 2 - Como reagiram os vários setores da Oposição.
- 3 - Quais os possíveis partidos a serem formados.

Além disso, é necessário saber como os setores mais consequentes da Oposição e o povo em geral, devem agir para transformar tudo isso em alguma coisa real e traga resultados que interessem aos trabalhadores, a grande maioria deste país.

Da onde saiu essa ideia

O crescimento do des-

contentamento popular e das manifestações políticas e reivindicatórias dos trabalhadores, há muito tempo está preocupando o governo. Só nestes dois últimos anos, o número de greves saltou de zero para mil, enquanto cresciam movimentos como o do Custo de Vida, o que exige Creches, o movimento dos Loteamentos Clandestinos, movimento da Água, movimento pela Anistia e por Liberdades Políticas de manifestação e organização. Esse descontentamento da maior parcela do povo brasileiro foi claramente manifestado nas últimas eleições parlamentares (de novembro de 1978), quando o *MDB* conseguiu sua maior vitória em número de votos (mas uma milagrosa matemática inventada pelo governo, no final das contas deu “vitória” para a *Arena*, apesar do povo brasileiro saber muito bem quem ganhou aquelas eleições).

Daí em diante aconteceu o avanço da Oposição, através do *MDB*, que poderia se aproveitar das divergências internas da *Arena* para fazer aprovar alguns projetos ou recusar outros.

Claro que o governo, usando seu poder e montado no aparato repressivo-militar, tem condições de fazer aprovar o que lhe interessa, mas isso, em tempos de “abertura”, iria deixar muito à vista as suas garras. E assim, o governo militar encontrou outras formas para impedir que isso aconteça.

A ideia do projeto de “reforma dos Partidos” começa aí. Em primeiro lu-

gar, os “descontentes” da *Arena* podem sair para formar um novo Partido que, obviamente, apoiará o governo. Esse Partido, além disso, terá uma outra grande vantagem: vai atrair os “adesistas” (aqueles que embora estejam no *MDB*, apoiam o governo em troca de algumas vantagens), o que enfraqueceria o partido da Oposição, em número de votos. Ao *MDB*, diante disso, restaria a possibilidade de ser um Partido que uniria os autênticos.

Contra os trabalhadores

A tal reformulação partidária ainda permitiria, segundo esse plano inicial do governo, alcançar outro objetivo: tentar segurar os trabalhadores que estão se organizando e se mobilizando. Havia necessidade de se criar um Partido que controlasse os trabalhadores. Nada melhor do que o célebre Partido Trabalhista Brasileiro — *PTB* formado por Getúlio Vargas em 1945 e que até ser dissolvido em 1966, manteve o movimento sindical sob seu controle, através dos pelegos.

Com a anistia parcial e o retorno ao Brasil, entre outros, do ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, nada melhor que permitir a formação do *PTB* para onde o governo imaginava que iria grande parte da Oposição, principalmente da Oposição

operária, tornando-se assim um Partido facilmente controlável.

Os novos partidos

Os planos do governo estavam muito bonitos, mas não contavam com uma surpresa: a mobilização dos trabalhadores e do povo em geral já tinha demonstrado que era impossível a situação continuar como estava. Os trabalhadores começaram a sentir necessidade de um canal de manifestação político-partidária próprio, que defendesse os interesses e as reivindicações populares.

Surgiram, assim, três tendências dentro da Oposição:

1 — Defende a continuidade do *MDB* como uma Frente de Oposição ou Frente Popular.

2 — Propõe a formação do Partido Popular — *PP*

3 — Tendência pela construção do Partido dos Trabalhadores — *PT*

Essas três tendências estão unidas na ideia de que não se pode aceitar que o governo, novamente, imponha uma camisa de força ao movimento político no Brasil. Vamos então analisar: A proposta do *MDB* continuar, como uma “Frente de Oposição” ou como uma “Frente Popular” tem por base a ideia de que no atual momento político, todos os oposicionistas devem ter como principal palavra de ordem a “unidade”, mas que também é preciso limpar o *MDB* de todas as tendências ade-

sistas, para transformá-lo numa verdadeira organização oposicionista.

As propostas do *PP* e *PT*, embora concordem que os oposicionistas devem formar uma “Frente”, afirmam que é impossível que essa Frente se reúna toda num Partido só, pois essa Frente abrigaria tendências muito diferentes e acabaria sendo dominada pelos setores que têm interesse em se aproveitar da união dos trabalhadores.

O *PP* acha necessário formar uma organização política-partidária baseada nos movimentos populares e se baseia no Movimento contra a Carestia e outros semelhantes. E assim como o *PT*, o *PP* acha necessário que novas organizações partidárias sejam criadas “de baixo para cima”, ou seja, que se formem a partir de discussão pela base.

O *PT* — Partido dos Trabalhadores — pretende que sua criação se dê a partir do próprio movimento de todos os assalariados, que não seja algo imposto, mas que resulte das lutas e da organização dos trabalhadores nas fábricas e nos bairros.

A diferença entre o *PP* e o *PT* é que o *PP* pretende se basear num movimento amplo, e o *PT* quer ter como base os próprios trabalhadores, da cidade e do campo, organizados e mobilizados.

Hoje para os trabalhadores e o povo em geral esta questão está colocada para discussão e definição.





No cemitério do Campo Grande, 10 mil pessoas homenagearam Santo

No Brasil, piquete é motivo para assassinato

*Um operário tombou na luta.
Mas na missa de 7º dia
a greve ainda continuava*

"Eu me orgulho de ter estado junto com meu companheiro Santo até aquela última hora da sua vida. Junto com ele na sua luta, na luta dos operários.

E acho que todas as mulheres, principalmente as mulheres dos operários, dos metalúrgicos, devia estar ao lado dos maridos que estão na greve, que estão na luta". São as palavras de Ana Maria do Carmo Silva, logo depois da morte de seu marido Santo Dias da Silva, assassinado pela polícia quando participava de um piquete na porta da fábrica Sylvania, aqui na região Sul. Santo morreu dia 30 de outubro, no segundo dia da greve.

Por que Santo foi assassinado?

O sol estava forte, naquela tarde de terça-feira, quando um grupo de 50 metalúrgicos saiu da Igreja do Socorro — transformada em sede provisória do Comando de Greve da zona Sul, depois que a sede da avenida Interlagos foi invadida pela polícia para fazer um piquete na Sylvania. Os operários dis-

tribuíam folhetos sobre a greve e pediam aos companheiros da fábrica que não trabalhassem, que apoiassem a greve decretada pela categoria na assembléia do dia 28.

E já estavam se retirando quando chegaram quatro viaturas do Tático Móvel da PM. Os policiais desceram puxando armas e prendendo operários.

Santo pede calma e cai, baleado

De repente, enquanto os piqueteiros se espalhavam, os policiais gritaram: "Agora é prá valer", e começou o tiroteio. Menos de 5 minutos depois, estava estendido no asfalto, atingido por um tiro, o operário Santo — 37 anos, pai de dois filhos, morador da Vila Remo, onde coordenava a Comunidade de Base. Membro da Pastoral Operária, e integrante da Oposição Sindical, Santo morria antes de chegar ao PS de Santo Amaro.

— Se os operários começam a lutar para resolver seus problemas, vem as polícias dos patrões para massacrar e assassinar covardemente os operários, como fizeram com meu companheiro Santo.

Em mensagem escrita e distribuída a toda a população, Ana diz esta verdade: que todos os trabalhadores conhecem. Sabem que Santo foi brutalmente assassinado, apenas por lutar, pacificamente, pela conquista de melhores salários e melhores condições de vida para o trabalhador. Mas os operários prestaram ao seu companheiro morto uma grande homenagem, levando à igreja da Consolação, onde o corpo foi velado durante toda a madrugada, mais de 30 mil pessoas, a maioria metalúrgicos e metalúrgicas, e moradores da periferia.

Povo exige punição para os assassinos

De lá, na manhã do dia 31, o corpo foi levado para a Catedral da Sé, em procissão acompanhada por uma impressionante multidão, paralisando o tráfego do centro da cidade por mais de uma hora. Os trabalhadores gritavam em coro: "Punição, punição, abaixo a repressão", e uma grande faixa dizia "Companheiro, você será vingado".

GREVE

Esta greve chegou aos bairros

Pela primeira vez, o bairro se organiza para apoiar uma greve

Foi uma das maiores e mais importantes greves já ocorridas no país desde 1968. Os metalúrgicos de São Paulo, que têm o maior Sindicato da América Latina, com 350 mil operários na categoria, reivindicavam, em sua campanha salarial deste ano, aumento de 83% sem descontos de antecipações, piso salarial de Cr\$ 7.200,00, além de outras reivindicações como a unificação das datas-base dos dissídios de todas as categorias, o direito à livre organização sindical, e a não-punição pela participação na campanha. Os patrões, garantidos pelo governo, não arredaram pé e ofereceram no máximo 67% sobre a data-base.

Máquinas param, piquetes garantem

Depois de um mês de negociações, em que os empresários do Grupo 14 da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) não cederam, uma assembléia de mais de seis mil metalúrgicos decidiu usar a única arma que o trabalhador tem e que os patrões temem: a greve. Iniciada no dia 28 de outubro, um domingo, a greve foi apoiada também pelos metalúrgicos de Osasco e Guarulhos, que têm dissídio junto com os metalúrgicos de São Paulo. E naquela tarde de domingo, imediatamente a organização dos piquetes começou a ser preparada. Os Comandos de Greve das cinco regiões (Norte, Sul, Leste, Oeste e Sudeste), coordenados pela Oposição Sindical, e funcionando nas sub-sedes do Sindicato, davam início a uma luta difícil e longa. Tinham de enfrentar muitos inimigos: a diretoria do Sindi-

cato, liderada pelo conhecido "pelego" Joaquinão, fez tudo para atrapalhar a organização dos metalúrgicos; os patrões, sempre unidos com o governo, além de ameaças e demissões, contavam com a ajuda da polícia — que invadiu as sub-sedes, prendeu mais de 300 operários, bateu e assassinou.

Bairros apoiam e organizam piquetes

Porém, este ano, desde o primeiro dia da greve, os metalúrgicos contaram com um apoio importantíssimo: os moradores da periferia.

Na nossa região (sul), uma reunião de mais de 200 pessoas, realizada na igreja da Cidade Dutra, com mais de trinta bairros representados, começou a discutir, no domingo, as formas de apoio que os moradores iriam dar aos operários grevistas. E foram muitas: 1) FUNDO DE GREVE, com coletas e vendas de bônus; 2) DOAÇÃO DE MANTIMENTOS; 3) PLANTÕES na Cidade Dutra e igreja do Socorro, para receber e transmitir informações e distribuir material de divulgação.

Agora é continuar a organização

E mais: piquetes foram organizados nos bairros, nos terminais de ônibus, na Cidade Dutra até Paralelos, quando se convocava os metalúrgicos a não irem para o trabalho. Na última quarta-feira, décimo dia da greve, 80% da categoria ainda estava em greve. Com o apoio da periferia, daqui prá frente tudo será diferente.



Cícero (juiz), Raimundo, Francisco, Geová, Vicente, Dirceu, Roberto, Luiz, Chiquinho, Domingos, Waldir e Walter

Periferia futebol clube

Na corda bamba, e contra a maré, nossos times de várzea vão abrindo caminho

"Desgraçado é o goleiro: onde ele pisa não nasce grama" - diz um ditado popular. Mas nos campos de futebol da periferia, a história é outra. Os bravos jogadores dos times dos bairros da região jogam sem gramado mesmo, na terra batida, às vezes em campos emprestados, outras vezes nos raros campos que a Prefeitura - antes de época de eleições - resolve ceder. Porque um dos alvos preferidos pelos políticos são os times que se organizam nos bairros, à custa de muito sacrifício: os candidatos a vereador e deputado aparecem por aqui com promessas e distribuem jogos de camisas, ou arranjam um trator pra providenciar um campo. Depois, claro, somem. E os times continuam enfrentando todos os problemas: falta dinheiro pra comprar uniformes, falta campo, falta dinheiro pra viajar, não têm

horário para treinar. Mesmo assim, os craques não desanimam, e tocam a bola pra frente, pois o futebol, o bar, a sinuca e a TV são formas de lazer para o trabalhador.

O INTERNACIONAL Futebol Clube, do Icarai, é um dos times da região. Fundado há três anos, com uma equipe de 26 jogadores (a maior parte é metalúrgico), o Internacional é dirigido por José Antônio dos Santos - o Zé Alagoas - e conta com bons valores jovens, como Alceu, Domingos e Severino, que se tivessem chances, poderiam até se profissionalizar. Tem seu campo próprio, em sociedade com outro time do bairro, e a sede funciona na SAB do Icarai. O último título conquistado pelo Internacional foi em Santos, quando jogou contra o Treze de Maio da Praia Grande e ganhou de 1 x 0.

Mas as viagens são difíceis, pois os jogadores têm de desembolsar 200,00, além dos 40,00 mensais para sustentar os gastos do time. É, vida de jogador da periferia não é mole, nem tempo para os treinos o pessoal tem, porque a maioria trabalha aos sábados. E ainda tem de pagar 300,00 por mês, para a Liga de Santo Amaro, que programa os jogos.

Os sacrifícios são tantos que às vezes alguns desistem e abandonam o time. Atualmente, por exemplo, o esquadrão nº 1 do Internacional está desfalcado, o jeito é disputar com o 2º quadro, como no jogo do dia 28, contra o Bandeirante do Jardim Três Corações. Apesar de tudo, como diz o Zé Alagoas, o pessoal não entrega os pontos. Afinal, qual é o brasileiro que não gosta de futebol?

CIRANDA

Aqui neste pedaço o negócio é cirandar. É lazer, divertimento, hora livre. Vamos noticiar as festas dos bairros: bingo, quermesse, baile, forró, bazar da pechincha, sessão de cinema. As vilas que tiverem festas marcadas devem mandar aviso ao JP para sair a notícia aqui. Mas é preciso não esquecer que nosso jornal sai uma vez por mês, portanto a divulgação das festas deve chegar ao JP com antecedência.



Por enquanto a única vila que nos informou sobre sua sessão de Cineclube foi o Jardim Icarai. Nos dias 24 e 25 de novembro, na sede do Centro Comunitário, vai ter filme: "Garrinha, alegria do povo". No sábado, dia 24, tem duas sessões, às 17 e às 21 horas, e no domingo, dia 25, às 18 e 20 horas. O ingresso custa 7 cruzeiros. Todos estão convidados.



Nesse fim-de-semana, dias 10 e 11 de novembro, vai ter muita bola na rede: a zona do agrião vai estar concorrida para o FESTIVAL DE FUTEBOL DE CAMPO, no Jardim Três Corações. Desde as sete horas da manhã, até o final da tarde, dezesseis times da região vão mostrar o que sabem fazer com a pelota. A torcida pode ser organizada ou desorganizada, o importante é comparecer pra dar uma força pros jogadores.

Mas na região tem muita coisa acontecendo: no São José, por exemplo, existe um grupo de Capoeiristas dos bons, gente fina e que luta pra valer. E tem mestras lá, dando aulas para homens, mulheres e até crianças. O som dos berimbaus chama atenção do pessoal. Outras vilas, como o Grajaú, já começam a formar seu grupo de Capoeira. E os capoeiristas avisam que em dezembro haverá uma grande festa de formatura de uma turma. Até lá o JP informa mais sobre Capoeira na região.



Pouca gente sabe que no Pouso Alegre existe um ótimo grupo de Violeiros. Pra animar forró ou pra fazer show, nada melhor do que uma boa dupla de viola. Mas lá são 12 duplas de violeiros, alguns já até gravaram disco e ganharam prêmios em festivais. Todas as sextas-feiras à noite, eles se reúnem em sua sede na frente da igreja Nossa Senhora de Fátima. O JP vai fazer uma reportagem com esses artistas.



No Grajaú o pessoal do teatro continua batalhando e tocando pra frente a proposta de um teatro ligado à vida do trabalhador e morador da periferia. E na Cidade Dutra, junto à igreja, sempre tem alguma atividade de lazer: grupo de teatro, aulas de ginástica, filmes.

ATENÇÃO

TODAS AS VILAS, DA CIDADE DUTRA ATÉ PARELHEIROS, ESTÃO CONVIDADAS A ELEGER UM OU DOIS REPRESENTANTES PARA PARTICIPAREM DO CONSELHO DE MORADORES DO JP. A PRÓXIMA REUNIÃO SERÁ NO DIA 2 DE DEZEMBRO ÀS 10 HORAS DA MANHÃ, NO GALPÃO AO LADO DA IGREJA DE SÃO JOSÉ. COMPAREÇAM.

